

□ **POLÍTICA ECONÔMICA**

# A crise dos economistas não chegou

FERNANDO BARROS E  
MARISA CASTELLANI

BRASÍLIA —

Economistas, técnicos do próprio governo e boa parte da imprensa escreveram ao longo do mês de junho a crônica do caos anunciado. A sombra da hiperinflação argentina se projetava sobre os raciocínios acadêmicos. O vaticínio do “efeito Orloff” — a Argentina de ontem seria o Brasil de hoje — deixou os centros de ensino para ser discutido pela classe média leiga. Três meses depois, o caos não chegou, mudou de data apenas, para boa parte dos economistas. Alguns negam-se até a admitir que há nítidos sinais de melhora — ou pelo menos alívio — no quadro econômico, principalmente de retomada no nível das atividades produtivas. Os professores e ex-ministros Mário Henrique Simonsen e Delfim Netto estão entre as raras exceções. Vejam o que alguns dos principais economistas brasileiros diziam em junho e o que eles dizem hoje.

■ **Edmar Bacha**



Carlos Chicarino AE-3/4/86

**JUNHO** — Em setembro deverá vir um colapso cambial. Com ele, a hiperinflação. A situação é tão dramática e os riscos tão concretos que os economistas deveriam se unir, diante da inércia do Legislativo e do Executivo, para propor um programa nacional de emergência e assegurar a transição.

**SETEMBRO** — Acredita que o colapso cambial só não se confirmou porque o governo ouviu seu alerta e o de outros economistas e centralizou o câmbio. Acha que a taxa de inflação deve caminhar lentamente para 40% até o final do ano. Alerta: o período mais crítico será entre a eleição e a posse do novo presidente.

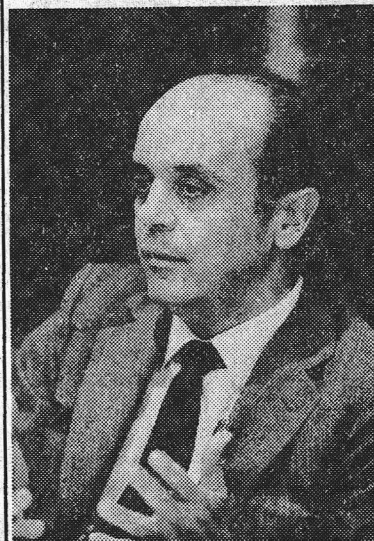
□ Edmar Bacha é professor da PUC do Rio de Janeiro e ex-president do IBGE

■ **José Serra**

**JUNHO** — Apesar de ter evitado apostas em público, cunhou a seguinte frase em entrevista ao *Jornal do Brasil*: “Em 15 de novembro teremos saudades de 15 de junho”. Para ele, a inflação estaria mais alta, o corporativismo mais selvagem e a economia mais desorganizada.

**SETEMBRO** — Não há motivo para satisfação com uma inflação superior a 30% ao mês e uma moratória de fato da dívida externa, afirma. Se diz cético quanto aos atuais indicadores econômicos. Agora, acha impossível prever o comportamento da economia até o final do ano. Entende que a liquidez do setor privado, o baixo nível de desemprego e outros exemplos do gênero refletem a fuga dos ativos financeiros para ativos reais

□ José Serra é professor da USP e deputado federal (PSDB-SP)



Claudinê Petrolí AE-23/1/89

■ **Paulo Guedes**



**JUNHO** — Desenhou um dos mais negros cenários já criados para a economia brasileira. Criou a expressão “vivemos uma hiperinflação reprimida”. E dizia: Aparentemente, só o governo acredita na hipótese de manter a inflação estabilizada em torno de 30% até as eleições”.

**SETEMBRO** — Suas previsões continuam cáusticas e sombrias. Afirma que o governo esquentou a economia artificialmente. A redução do desemprego é consequência de políticas monetária e fiscal “irresponsáveis”. E os indicadores atuais são preocupantes porque “o governo jogou gasolina no incêndio da economia”. A estratégia monetária devolveu dinheiro ao overnight, mas não muda a trajetória da hiperinflação, apenas reduz sua velocidade.

□ Paulo Guedes é do Instituto Brasileiro de Mercado de Capitais e do Banco Pactual

■ **Mário Simonsen**

**JUNHO** — “As possibilidades de hiperinflação são remotas.”

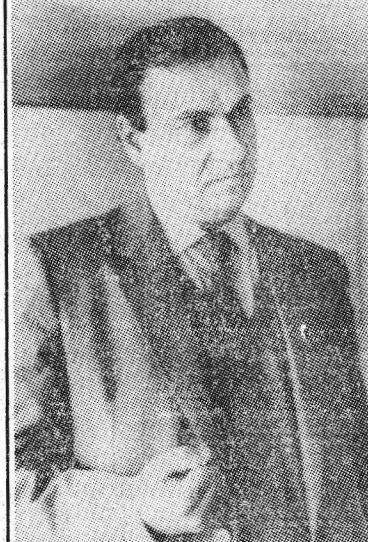
**SETEMBRO** — “O efeito Orloff não funcionou na economia brasileira, mas, sim, na cabeça de muitos economistas. O parque industrial brasileiro é muito mais forte que o argentino e nosso sistema de indexação, bem ou mal, permite que a economia capengue com a inflação. Tudo deve ficar mais ou menos como está até o próximo governo, dependendo dos aspectos da transição e dos anúncios a serem feitos pelo próximo presidente. Até o final do ano, certamente a inflação ficará abaixo dos 35%. Não é nenhuma maravilha, mas também não é uma situação catastrófica. A inflação deverá ser atacada pelo próximo governo.”

■ Mário Henrique Simonsen é professor da Fundação Getúlio Vargas e ex-ministro da Fazenda.



Edward Costa AE-27/5/87

■ **César Maia**



**JUNHO** — “O presidente e o consultor-geral da República querem o caos. Os cofres públicos viraram peneira. O governo perdeu o controle fiscal e o sistema de Imposto de Renda está completamente arrasado, a receita descontrolada.” O deputado pediu a renúncia dos ministros da Fazenda e do Planejamento.

**SETEMBRO** — Não mudou de idéia. “A economia não agüenta mais, vive uma erupção contida. O dólar paralelo está artificialmente estabilizado. Quanto menos o governo enfrenta a inflação, mais alimenta esse vulcão reprimido. E mais grave fica a situação a ser transferida para o próximo governo. Esse ambiente de normalidade é muito grave: coloca a sociedade de guarda baixa contra a inflação”.

□ César Maia é deputado federal (PDT-RJ), principal economista de seu partido